

À contemporaneidade como questão

The contemporary as a question

Leonardo Pinto de Almeida

“Quanto mais desconfiança, mais filosofia. Nós nos guardamos de dizer que o mundo vale *menos*: hoje nos parece mesmo ridículo que o homem pretenda inventar valores que devem *exceder* o valor do mundo real – pois justamente disso acabamos de retornar, como de um acentuado extravio da vaidade e da insensatez humanas, que longamente não foi reconhecido como tal”.

(NIETZSCHE, 2001, p. 239)

Tomar o contemporâneo ou a contemporaneidade como instância problemática à luz de estudos avançados em psicologia. Eis o objetivo do presente periódico que a partir desse momento se torna fundado.

Originalmente, criado como extensão das problematizações desenvolvidas no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Sujeito Contemporâneo do Polo Universitário de Campos dos Goytacazes, a presente revista do curso de Psicologia do referido Polo da Universidade Federal Fluminense reflete as preocupações de seus docentes sobre as vicissitudes da subjetividade contemporânea.

Antes de começar a apresentar os artigos que compõem o número inaugural da revista **ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, tarefa por excelência do editor, gostaria de agradecer principalmente a Sérgio Simões de Sant’Ana e a Marcelo Santana Ferreira por seu apoio e seus ensinamentos que foram de extrema importância para a construção da Revista. Sem eles, provavelmente, esse projeto não teria sido realizado. Outro importante amigo que muito me ajudou aqui foi Romulo Miyazawa Matteoni, professor de design da PUC-Rio e designer da revista. É dele todo belo trabalho gráfico e estético da apresentação da ECOS. Aos três apresento meus agradecimentos fervorosos que representam a afeição que tenho por esses três amigos.

Criar uma revista acadêmica é, a meu ver, fruto de uma paixão pelo conhecimento. Uma paixão pelo conhecimento que une pessoas diversas pelo vínculo que os gregos nomearam amizade. Amizade ao conhecimento, paixão pela compreensão daquilo que nos cerca. Sloterdijk (2000), em um belo texto que se apresenta como uma crítica ao pensamento heideggeriano, afirma que toda a filosofia se funda como se fosse uma carta entre amigos. Devido à minha contaminação com a cicuta da filosofia, penso que o que sustenta a paixão de um editor de periódico por esse trabalho árduo de construção de uma revista é a vontade desse vínculo que o conhecimento cria entre as pessoas que o produzem e o veiculam.

Assim, gostaria de continuar apresentando meus agradecimentos a todos aqueles que participam desse empreendimento, os docentes do curso de psicologia e aos meus queridos alunos que sustentam esse trabalho de construção. Aos membros do conselho editorial também agradeço pelo apoio nesse momento. O pontapé inicial é sempre o mais difícil na instância da produção do conhecimento. Ela não existe sem o outro, pois ela é relação.

Leonardo Pinto de Almeida

Universidade Federal Fluminense

Professor Adjunto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Doutor e Pós-doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Editor da Revista ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade.

leonardo_almeida@id.uff.br

Daí, após um ano de trabalho na construção do site, na divulgação da revista, na captação de recursos, nos convites a professores de diversas partes do país e do estrangeiro para comporem o conselho editorial, finalmente publicamos o primeiro número.

Deste modo, tomemos um olhar de conjunto dos dez textos que compõem esse primeiro número. Sua ordenação foi criada à luz de minha leitura. A leitura do editor é aquela que dá sentido ao conjunto de um número. Ele compõe com os autores uma certa ilusão de continuidade e ordenação. Sem essa ilusão o trabalho do editor não sobrevive. Dito isso, costurarei o tecido textual aqui presente sob a carapaça etérea da organização fantástica.

Esse número inaugural tem seu início com um belo artigo sobre a psicologia positiva. Esse texto, escrito a quatro mãos pelos professores Helena Âgueda Marujo e Luis Miguel Neto, ambos do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa (Portugal), intitula-se *Investigação transformativa e apreciativa em Psicologia Positiva: um elogio à subjetividade na contemporaneidade*. Nesse artigo, os professores portugueses traçam uma reflexão crítica sobre o panorama da investigação psicológica, atendo-se as possibilidades abertas pela psicologia positiva no trato da subjetividade e da intervenção nas condições sociais e psicológicas do ser humano.

Seguindo o mesmo fio condutor da problematização da investigação psicológica, está o artigo escrito conjuntamente pela professora Lyria Esperanza Perilla Toro, da Universidad de los Andes (Colômbia), e do professor Andrés M. Pérez-Acosta, da Universidad del Rosario (Colômbia). O artigo, intitulado *Algunas reflexiones sobre la ética en la investigación psicossocial*, traça uma ótima perspectiva das investigações psicossociais na atualidade, se debruçando sobre as problematizações em torno da pós-modernidade, da complexidade e, sobretudo, do problema ético que aflige as investigações de cunho psicossocial hodiernamente. Desse modo, os questionamentos, levantados pelos autores, apontam para uma preocupação com a ética nas investigações psicossociais na contemporaneidade.

Depois das reflexões epistemológicas sobre a investigação psicológica, traçadas por esses dois artigos, escolhi aproximar três textos que coadunam com as preocupações sobre os problemas que giram em torno da intervenção e da subjetividade.

Assim para dar a ilusão de continuidade que mencionei no início desse editorial, agrupei os artigos *Educação, subjetivação e resistência nas sociedades de controle, Juventudes e Trabalho: aproximações e diferenças da concepção de trabalho nos diferentes contextos juvenis* e, *Aposentar-se de que? Percepções de trabalhadores próximos da aposentadoria*. Esses três textos propõem investigações psicossociais pertinentes para a temática do contemporâneo por versarem sobre os seguintes pontos: a educação, trabalho e juventude e, trabalho e aposentadoria.

Em *Educação, subjetivação e resistência nas sociedades de controle*, Pablo Severiano Benevides e João Muniz Neto, ambos da Universidade Federal do Ceará, refletem, a partir da conceitualização deleuziana das sociedades de controle, as vicissitudes da educação no contemporâneo. Sua análise versa com propriedade sobre as possibilidades de resistência no campo da educação, utilizando de um manancial teórico que se propõe a questionar as relações tecidas entre a instituição educacional, o poder e a diferença.

Após esse texto sobre a educação na atualidade, nos encontramos diante da questão do trabalho. Daí, na sequência, se encontram os dois textos já mencionados.

No artigo *Juventudes e Trabalho: aproximações e diferenças da concepção de trabalho nos diferentes contextos juvenis*, a professora Teresa Cristina Carreteiro, da Universidade Federal Fluminense, e seus companheiros de empreitada analítica Bruna De Oliveira Santos Pinto, Carla Gomes De Carvalho, Luciana Da Silva Rodriguez, Vanessa Borges Alves, Walery Leite Estevinho, tratam de questões relativas à temática do trabalho com enfoque sobre a juventude. Esse artigo é fruto de uma pesquisa em três localidades diferentes do Estado do Rio de Janeiro com o intuito de analisar os discursos dos jovens sobre a temática do trabalho. Baseando-se na psicossociologia e na pesquisa-ação, essa pesquisa pode captar as diferenças e semelhanças na concepção que esses jovens tem do trabalho.

Em *Aposentar-se de que? Percepções de trabalhadores próximos da aposentadoria*, a professora Claudia R. Magnabosco-Martins, da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Irati, Paraná), e a psicóloga Debora Berger Schmidt tomam como questão a aposentadoria. Analisando sujeitos próximos à idade de se aposentar, as autoras compilaram uma reflexão tanto baseadas em suas falas, quanto fundadas no pensamento crítico que gira em torno dessa fase da vida. A partir das variações subjetivas apresentadas pelas falas dos sujeitos, as autoras indicam a necessidade de políticas públicas que possam ajudar a construirmos melhor as relações entre a velhice e a aposentadoria.

Em nossa leitura, tomamos em outro bloco três textos que se aproximam, devido ao seu aporte teórico: a psicanálise. São eles: *O tempo na clínica psicanalítica: um estudo sobre o Homem dos Lobos*, *Algumas considerações acerca da transferência na psicose e, Saber e autoridade em Freud e no mundo contemporâneo*.

No artigo *O tempo na clínica psicanalítica: um estudo sobre o Homem dos Lobos*, a professora Ruth Helena Pinto Cohen, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e a psicóloga Marcia Müller Garcez apresentam um bom panorama crítico do caso clássico de Sigmund Freud, *Homem dos Lobos*. A partir do manancial teórico freudiano e laciano, as autoras nos convidam a adentrar nas tessituras do caso em questão com o intuito de nos apresentar o problema da temporalidade na clínica psicanalítica e, por conseguinte, a atualidade sempre presente do caso do *Homem dos Lobos*.

Ainda fundando-se no aporte psicanalítico, está o artigo *Algumas considerações acerca da transferência na psicose* do psicólogo Hudson Lacerda dos Santos. Nesse texto, o autor se propõe a analisar as questões que giram em torno da psicose e do fenômeno da transferência. A partir de um aporte laciano, o artigo se debruça sobre as questões cruciais da ética e suas possíveis relações com a análise e a psicose.

Fechando o bloco psicanalítico, está o texto *Saber e autoridade em Freud e no mundo contemporâneo* de Daniel Menezes Coelho, professor da Universidade Federal de Sergipe. Com uma reflexão atual, o autor perpassa por searas reflexivas que aportam sobre questões como a religião, a psicanálise, o ateísmo e a ciência e seu ideal ascético. O autor parte de uma análise fundamentada pelas reflexões freudianas acerca da religião com intuito de indicar o lugar da autoridade e suas relações com o saber, tanto no pensamento do pai da psicanálise, quanto na atualidade quando se debruça sobre autores como Dawkins, Feyerabend, Bachelard, Sokal e Bricmont.

Após o bloco psicanalítico, nos encontramos com dois artigos que atravessam reflexivamente duas formas de arte: o cinema e a literatura. Devido ao meu apreço pela literatura, talvez seja por isso que o editor em questão, através de sua leitura, começou por seu apreço incomensurável pela ciência e pela investigação para culminar em sua paixão devotada à

literatura e à sua capacidade de mudar as vidas dos sujeitos que dela usufruem.

Desse modo, voltemos nosso olhar para o artigo *Deleuze, Bergsonismo e o cinema como um mundo* do professor Kleber Lopes, da Universidade Federal de Sergipe, e de seus dois companheiros de reflexão Jameson Thiago Faria Silva e Tatiane de Andrade. Nesse texto os autores, a partir das reflexões deleuziana e bergsoniana sobre o cinema, tomam o mesmo como espaço de produção de mundo e de subjetividades. Sua reflexão abarca, em seu horizonte reflexivo, as questões concernentes aos conceitos de imagem e movimento para vinculá-los a uma análise precisa do cinema e, por conseguinte, pensando esses conceitos como chaves para uma reflexão psicológica do contemporâneo.

No último texto do presente número, está o artigo *Molloy-Viaje* do professor Juan Carlos Gorlier, da Universidad de Buenos Aires. Seu texto tecido mostra seu conhecimento profundo em filosofia e sua leveza na escrita, possibilitando um texto ensaístico que flerta com as minhas duas musas do pensamento: a filosofia e a literatura. O autor se propõe a fazer uma reescritura do *Molloy* de Beckett, aproximando questões importantes para a filosofia e para a literatura, como a viagem, a ruptura, o andar, a escritura e próprio fracasso intrínseco à escrita. São essas questões que são enlaçadas pela escritura para dar uma imagem bela da subjetividade, do andar e da escrita.

Assim, termino essa já longa apresentação de minha leitura. Agora só me resta convidá-los a tomar a tessitura dos artigos aqui expostos para usufruírem da tão maravilhosa capacidade humana de produção de sentido.

Boa recepção!

Leonardo Pinto de Almeida

Referências bibliográficas

NIETZSCHE, F. **A Gaia Ciência**. SP: Companhia das letras, 2001.

SLOTERDIJK, P. **Regras para um parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo**. SP: Estação Liberdade, 2000.